Pós-colonialismo e transparência: o Odonato de *Os Transparentes*

Post-colonialism and transparency:
the Odonato of *The Transparents*

229

Adriana Helena de O. Albano¹
Mirella Miranda de Brito Silva²

Enviado em: 19/09/2018

Aceito em: 26/11/2018

Resumo: Este artigo analisa o personagem Odonato do livro **Os Transparentes** de Ondjaki (2013) e discute como a (des)construção da subjetividade do luandense está relacionada ao contexto capitalista pós-independência em Angola. Desse modo, entendemos que o desaparecimento gradual de Odonato ocorre como modo de o personagem negociar a perda de sua condição de cidadão, destituído de trabalho, comida e direitos civis, e ainda sofrendo as consequências da corrupção em todas as instituições sociais apresentadas na narrativa fantástica.

Palavras-chave: Pós-colonialismo, Desconstrução, Odonato.

Abstract: This article analyses the character Odonato from the book **Os transparentes** by Ondjaki (2013) and discusses how the (des)construction of the subjectivity of the native of Luanda is related with the capitalist context in Angola post-independence. Thereby we understand that the gradual disappearance of Odonato happens as a mode of the character negotiate the loss of their citizen condition, destitute of the work, food and civil rights, also suffering the consequences of corruption in all the social institutions that are in the fantastic narrative.

Keywords: Post-Colonialism, Deconstruction, Odonato.

Introdução

O romance **Os transparentes** de Ondjaki (2013) tece o imaginário urbano da cidade de Luanda, Angola, na modernidade pós-independência, ao narrar os acontecimentos do dia a dia dos habitantes e agregados do prédio de sete andares localizado no Largo da Maianga, coração da cidade. O universo das vivências íntimas dos moradores do edifício acaba por expressar elementos complexos da estrutura social da sociedade Angolana.

Ficção marcada por um estilo de escrita que não obedece a regras de pontuação ou de utilização de letras maiúsculas e articula, ainda, passagens irônicas, poéticas e de memória histórica, apontando para a desconstrução do romance tradicional: complexidade do texto e da subjetividade que não pode ser traduzida pela narrativa comum. A construção linguística e o ritmo das falas dos personagens também aproximam o diálogo narrado àquele da conversação diária, estreitando a distância entre leitor e a cena descrita, para que este retire suas próprias conclusões, uma vez que o personagem focalizado nesse artigo, Odonato, não se posiciona ideologicamente, apenas pondera sobre os acontecimentos. O efeito desse

¹ Professora Doutora na UFRR, departamento de Pós-Graduação (PPGI). E-mail: drikaalbano@yahoo.com

² Professora Doutora na UFRR, departamento de Letras. E-mail: mirella.miranda@ufr.br

estilo é a tensão entre as forças que estão em jogo no espaço fantástico que habitam desigualdade, opressão e exclusão.

Condição do texto que ocorre também porque a narrativa propõe o sobrenatural intimamente relacionado aos acontecimentos sociais e políticos. Fenômenos inexplicáveis operam para apresentar temas importantes que vão sendo discutidos ao longo do livro, como a corrupção política, a miséria, a ineficácia das instituições e a ausência da democracia, oriundos do regime capitalista globalizante instalado na ex-colônia portuguesa. Diante desse cenário social, se destaca o sofrimento do personagem Odonato, que passa a desmaterializar-se, tornando-se cada vez mais transparente.

Os personagens que habitam o prédio do Maianga, espaço centralizador do romance, trazem nomes que marcam suas especificidades identitárias: há o VendedorDeConchas, um jovem trabalhador honesto, que vende conchas encontradas nos mergulhos no mar e também as encontradas na areia da praia; o Cego, companheiro inseparável do rapaz, possui bastante experiência de vida e aguçadíssima percepção, apesar da falta de visão (ambos não têm casa, mas frequentam o prédio); MariaComForça, quitandeira que trabalha à porta do prédio, casada com JoãoDevagar, homem de negócios escusos, pois é também cafetão; e o Carteiro, homem simples que passa toda a narrativa tentando conseguir transporte para a entrega das cartas, as quais lê algumas e as fecha novamente.

Odonato é um dos poucos personagens do prédio do Maianga que possui nome que não corresponde a alguma característica de sua vida “prática”. Talvez porque a expressão de suas vivências e reflexões articule o “além da vida” diária sobre presente, passado e futuro, sobre o estar no mundo, pois é o personagem que mais se esforça para sobreviver de forma ética, ponderando diante de todas as mazelas sociais e corrupção que o envolvem, sem corromper-se.

A existência de Odonato tenta apresentar a complexidade de viver na periferia do mundo, num espaço que guarda as marcas do processo colonizador ainda vigente: “A cidade do colonizado, uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado, uma cidade acocorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada.” (FANON, 2010, p. 28-29). Odonato percebe de modo contundente a Angola encenada por meio dos eventos de uma Luanda recém-libertada da colonização portuguesa, mas que se encontra descomposta, onde faltam esfera pública, sociedade civil e cidadania.

O núcleo familiar de Odonato é composto por sua esposa Xilisbaba, os filhos do casal, Amarelinha, moça tímida que se apaixona pelo VendedorDeConchas, e CienteDoGrã, filho mais novo, motivo de tristeza e preocupação, uma vez que se envolve em roubos e consome heroína. Há também AvóKunjikise – adotada pela família, não possui laço sanguíneo com os demais, apareceu inexplicavelmente dias após a morte da mãe de Xilisbaba – senhora de cabelos brancos, muito sábia, prevê acontecimentos na vida daqueles que a acolheram.

O cenário que se re-apresenta na literatura de nações emergentes, no caso aqui de Angola, fora da relação colonizado/colonizador de outrora, é exponenciando na relação oprimido/opressor dentro do contexto econômico-social moderno dramatizado no livro. Fanon (2010, p. 65) coloca muito bem a situação desse grupo opressor local no trecho:

Encontram-se neles, intatas, as condutas e formas de pensamento reunidas durante o seu contato com a burguesia colonialista. Ontem filhos mimados do colonialismo, hoje da autoridade nacional, organizam a pilhagem e alguns recursos nacionais.

Essa relação é colocada quando as situações descritas no romance propõem modos de

exclusão interna exercidos pelas elites locais, formadas pelo empresário DomCristalino e pelos dirigentes políticos Assessor Santos-Prancha, o Ministro e o Presidente. Tais personagens possuem condições de vida muito diferentes daquelas dos moradores do prédio do Maianga, pois usufruem o poder político e econômico e ainda desejam aumentar os ganhos explorando o subsolo da capital Luanda, o que leva à destruição da cidade e à morte de muitos habitantes ao final do romance.

Nesse contexto, o objetivo desse estudo é fazer uma leitura crítica da construção subjetiva do personagem Odonato, compreendendo o movimento de tornar-se transparente como uma ação literária de reivindicação social e política. Entendemos a expressão dessa subjetividade como força desconstrutora na medida em que é o sintoma da desordem social, a sobrevida diante da ameaça do aniquilamento. Assim, os processos provocam a desmaterialização fazem,

marcar o afastamento entre, de um lado, a inversão que coloca na posição inferior aquilo que estava na posição superior, que desconstrói a genealogia sublimante e idealizante da oposição em questão e, de outro, a emergência repentina de um novo 'conceito', um conceito que não se deixa mais - que nunca se deixou - compreender no regime anterior (DERRIDA, 2001, p. 48-49).

Não há uma solução para a problemática do personagem dentro do regime pós-colonial, mas um fazer acontecer para além do significante textual.

2. A desconstrução no movimento desaparecer/aparecer

O texto de Ondjak (2013) emerge da negociação entre os significantes da experiência contraditória do estado-nação, ao invés de surgir de sua negação. A obra desconstrói o modelo do romance tradicional ao convocar o absurdo e o inverossímil para denunciar a condição do subalterno, do marginalizado, desnaturalizando o próprio conceito de invisibilidade social. O que ocorre porque no caso de Odonato, o tornar-se transparente potencializa sua visibilidade.

A escrita dos eventos de perda de materialidade do corpo do personagem e das articulações que enseja parece propor a ideia de desconstrução de Jacques Derrida, exposta pela primeira vez em **Gramatologia**, em 1967, mas presente ao longo de sua obra. Segundo o autor francês, a desconstrução, uma forma de pensar, e não uma teoria ou um método, pertence à escritura, é sua potência mesma e não ocupa um lugar ou um não lugar. É auto-reflexiva, pois aposta no móvel, cambiante, não fixo, não homogêneo, o não lugar e a não essência. Isso ocorre porque todos os sentidos e verdades são compreendidos a partir do movimento de diferença dentro de determinada cultura (DERRIDA, 2013, p. 86). A desconstrução, então, se forma no universo da diferença, da descontinuidade, sem a unidade entre significante e significado (matéria corpórea e presença), mas no jogo, no movimento contínuo e dinâmico, sem presença plena.

Assim, entendemos que a transparência contínua e crescente do personagem Odonato, ao longo da narrativa, acontece como modo de percepção sintomática em relação aos problemas socioeconômicos, aos jogos de poder pertencentes ao estado-nação capitalista e globalizante de Angola, herdados do colonizador. Tais forças afetam intimamente a vida de sua família e amigos mais próximos e, nesse drama, o personagem principal torna-se o espaço catalisador do processo de desumanização causado pela perpetuação das relações de subordinação.

Esse processo, todavia, não ocorre dentro do binarismo tradicional que reduz a experiência e a resistência da criação artístico-literária, prevendo a leitura do subalterno como aquele que simplesmente sofre, uma vítima que se torna transparente, que não pertence ao “centro” hegemônico, um elemento imperceptível. Acreditamos que o gesto textual do livro que analisamos aqui, ao propor a complexidade da transparência de Odonato, vai ao encontro da proposta de questionar, desconstrutivamente, a ideia da subjetividade fixa e homogênea dos despossuídos nos espaços descolonizados, “Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia. Descuidar-se dessa fase de inversão, significa esquecer a estrutura conflitiva e subordinante da oposição” (DERRIDA, 2001, p. 48).

A cena da ficção que recortamos aqui problematiza, expõe e denuncia as condições dos cidadãos de uma Luanda no momento pós-independência, quando descreve no íntimo, no particular, a ausência dos direitos fundamentais aos cidadãos: Odonato e a família são obrigados a se alimentar de restos de supermercado, lhes falta água e energia elétrica, as dívidas se acumulam, o filho fora preso ferido por um tiro e, por não poderem pagar por informações sobre ele à polícia, têm a notícia de sua morte semanas após a prisão e encontram seu corpo em estado de decomposição.

O episódio do encontro do corpo do filho e seu transporte para o local do velório é, ao mesmo tempo, fantástica, cômica e dolorosamente apresentando o estilo do escritor angolano: a escrita dramática e surpreendente apresenta uma verossimilhança que vai se corporificando quando o leitor consegue perceber o simbólico do jogo em que o “impossível” ficcional atesta e ilumina as condições desses humanos desumanizados numa Luanda que tenta negociar a modernidade capitalista pós-colonial.

Assim, percebemos que os acordos escusos apresentados ao longo da narrativa, não ensinam seu oposto constitutivo, a revolta, mas fazem emergir a reflexão. Podemos citar, nesse sentido, a cena em que o guarda-costas do Ministro exige uma parte do dinheiro da venda do VendedorDeConchas só para chamar a dona da casa; a passagem em que os fiscais DestaVez e DaOutra, sem identificação de fiscais, exigem pagamento “extra” para permitirem todo tipo de negócio na cidade; o procedimento do agente de trânsito, que pede cigarros ou dinheiro para permitir o estacionamento próximo ao aeroporto; os esquemas de DomCristalino, que deseja privatizar toda a Angola, inclusive as montanhas e a água, em troca de vantagens financeiras; a atitude dos guardas da polícia, que exigem refeições para fornecer informações falsas sobre a situação de CienteDoGrã, filho de Odonato; e, por fim, o Presidente de Angola, colaborador da Comissão Instaladora do Petróleo em Luanda, que apesar dos riscos iminentes e da possível perda de vidas, autoriza as escavações por toda cidade em busca de ganhos financeiros.

Os acontecimentos, naturais e sobrenaturais, assim como o título do romance, caracterizam a importância do ex-funcionário público no livro. Odonato, ao longo da história e diante do desmoronar de sua condição de cidadão, destituído de trabalho, de comida, de direitos civis, decide parar de se alimentar com o pouco que sobra e, com isso, vai perdendo a materialidade de seu corpo, torna-se leve, corre o risco de desprender-se do chão e alçar voo.

2. Transparência como potência desconstrutora

No texto de Ondjaki, a transparência de Odonato torna-o cada vez mais perceptível

aos olhos daqueles que o cercam, e a desmaterialização ocorre mais como pulsão de morte³, do que como apagamento do sujeito, é uma manifestação do valor da vida e acentua sua sobrevivência, pois, como bem define Freud, “Esses tortuosos caminhos para a morte, fielmente seguidos pelos instintos de conservação, nos apresentariam hoje, portanto, o quadro dos fenômenos da vida” (FREUD, 1976, p. 49).

Esse processo de desconstrução propõe a ideia da experiência complexa da presença sem centro organizador. É algo que não se reduz a qualquer oposição platônica e vem após o acontecimento, ocorre sempre como promessa, como acontecimento que não cessa, oscilação que potencializa infinitamente. Não há decisão entre os opostos, aparecer/desaparecer, mas produção no “entre” que também não é um lugar definido, mas deslocamento: aquilo que ele é, é totalmente contaminado por aquilo que ele não é.

A escrita do movimento de desaparecer/aparecer de Odonato é o processo fantástico que ocorre como a referência a um tempo ainda de libertação: “Na verdade, o ‘colonial’ continua a enformar o eixo narrativo de referência, deixando encobertas as suas relações ambíguas com novas formas de poder, sejam neocoloniais ou de dominação interna” (MATA, 2013, p. 19). O texto pós-colonial, ao significar os meandros da máquina do neo-imperialismo globalizante, “denuncia sua marca de dependência e um compromisso contraditório com os empreendimentos (colonialismo e anticolonialismo) que o precederam e possibilitaram e que, para combater, tem de digerir” (MATA, 2013, p. 32).

A forma de Odonato negociar este estar no mundo é a opacidade, o tornar-se transparente pelo excesso de realidades que vivencia. Não há separação entre o momento, o testemunho e o sofrimento, mas sintoma: transparência. Aqui, o principal movimento não é a oposição entre existência material e inexistência, mas os efeitos da transparência que fazem sua presença mais marcante aos olhos dos outros, e deixa a marca selada da invisibilidade/visibilidade dos despossuídos. É então que o tecido textual expõe infinitamente a condição do “povo” angolano, da humanização sendo diluída gradativamente.

Interessante notar que Odonato, ao final da narrativa, não se desmaterializa totalmente, nem morre no incêndio, mas alça voo e desaparece no céu. Ele não deixa de existir, mas ao se esquivar do mundo urbano da cidade de Luanda, transborda esse espaço, num movimento que ainda é renúncia e denúncia da conjuntura que provoca sua condição.

A encenação da cotidianidade urbana sob o olhar do sujeito que reflete sobre o estar naquele mundo, desfamiliariza-o e apresenta o que se oculta sob o sistema de assimilação do modelo de civilização moderna do colonizador. A transparência de Odonato é a condição impossível de o personagem realizar a negociação com a realidade, “o homem afinal possuía já o corpo menos normal do mundo, do ponto de vista de quem olha e não o conhece, as veias eram nítidas” (p. 225). No momento em que o acontecimento textual articula a experiência e o desvelamento do mundo social, traz o estranhamento, o deslocamento, pois o personagem já não consegue ser como os demais.

O estado do personagem se agudiza após o duplo sofrimento da morte da sogra e dos gastos com o funeral: “durante o funeral, e depois das dívidas contraídas para que a senhora tivesse os merecidos comes e bebes em sua honra, Odonato emagreceu para além dos

³ Para Freud os organismos tenderiam à manutenção de seu estado anterior, o estágio de não evolução, aquele anterior à vida. Todas as transformações ocorridas buscando a evolução foram provocadas pelos estímulos exteriores que obrigaram os seres a se preparem para os acontecimentos exteriores e com isso tornarem-se mais complexos. Pulsão de morte como pulsão de vida, na verdade. Mas nunca a compulsão à vida anterior (morte, inanimação) cessou, estando, ao contrário, se organizando junto a esses novos impulsos exteriores, desenvolvendo-se rumo ao estado inicial, ao de inanimação, de morte, de pulsão à morte. Seria a vida desenvolvendo-se rumo à morte (FREUD, 1976).

limites regulares da penúria” (p. 15). O luandense pondera sobre o período colonial e pós-independência e reconhece a destituição social, a falta de emprego e de comida, a extrema pobreza, a exploração e a ganância, percebe também os condicionamentos socioexistenciais que tal situação coloca: “passámos muitos anos, Xilisbaba, em busca do que é bonito para suportarmos o que é feio. e não estou a falar dos prédios, dos buracos na estrada, dos canos rebentados. já é hora de encararmos o que não está bem” (p.48). Colocação que vai ao encontro da afirmação do historiador congolês Elikia M'Bokolo (2011, p. 629-630),

Por outro lado, machucados e frustrados por muitos decênios de dominação colonial, os povos africanos esperavam ver os seus novos dirigentes lançar a África independente em estratégias, ações e realizações que provocassem uma ruptura completa com o colonialismo europeu, e que, simultaneamente, correspondessem às suas aspirações. Por último (...) os Estados independentes: foram não só obrigados a redefinir suas relações com as antigas potências coloniais, mas também de se posicionar num mundo novo para eles, dilacerado num primeiro tempo pela Guerra Fria, e arrastado, num segundo tempo, pela “globalização”.

Essas condições históricas são colocadas na escrita pelo testemunho do personagem literário. O magro e honesto homem assume-se na narrativa como aquele que está intimamente ligado ao povo, que o representa, “por acaso, vocês, sabem quem sou eu? (...) eu sou parte desse povo! do povo angolano. o povo...conhecem essa palavra? É uma palavra cheia de gente!” (ONDJAK, 2013, p.133). A fala ocorre em resposta aos “fiscais” – não fiscais instituídos, mas que justificam a função segundo um “condicionante de sobrinagem”, o parentesco com o Assessor do Ministro – que desejam inspecionar o prédio em busca de alguma vantagem financeira sobre os negócios realizados ali. Diante do impedimento de entrarem, utilizam a frase: “sabe de quem somos aparentados?” (p.133).

Nessa cena, ocorre a complicação da situação que envolve o filho de Odonato: após um furto mal sucedido, ele é baleado e tenta se esconder no prédio, todavia é preso ao tentar sair. Após a prisão, o pai, em busca de informações sobre o estado do rapaz, percorre vários espaços sociais e institucionais, desvelando um submundo corrupto e cruel, tornando-se mais e mais transparente, como revela o trecho a seguir:

Odonato ia sair quando a esposa lhe lembrou de que tinha de levar algum dinheiro, porque mesmo as informações hoje em dia têm de ser pagas
– sabes que não tenho dinheiro (...) eu acho que não é preciso tem de haver gente que ainda sabe falar sem dinheiro nas mãos
Xilisbaba sorriu e temeu pela exótica inocência do marido (ONDJAKI, 2013, p. 169)

O romance revela como o desemprego causado pelo desmantelamento da economia dependente configura-se num cenário desestabilizador no centro da sociedade descolonizada, onde a desigualdade global da jovem “nação” é acompanhada pela desigualdade interna por meio da ordem capitalista neoliberal e pela corrupção dos aparelhos do Estado. (Hall, 2009)

Após longa busca, Odonato não consegue nenhuma informação sobre o filho, mas vai constantemente à esquadrinha em busca de notícias, levando constantemente a comida (obtida por meio de doações de amigos) exigida pelos guardas como suborno para dar as informações sobre seu filho:

levava consigo, o homem, pendurado no braço, um saco de plástico preparado por

MariaComForça, com vários bifes tenros bem fritos em jindungo (...), dois ovos (...), batatas fritas estas eram as especificidades do pedido dos policiais que Odonato iria conhecer e que, segundo soubera, tinham sob sua custódia o seu filho mais velho (ONDJAKI, 2013, p. 225)

Privado e público, “realidade” e fantástico se entrecruzam e encenam o estranhamento e a irregularidade dessa existência subjetiva na modernidade periférica pós-independência em Angola. A natureza exótica da condição de Odonato desafia as leis do mundo racional, desorganiza-as e impede que sua identidade seja significada de modo simplista, exigindo um rearticular de conceitos e verdades. Desse modo, sua presença heterogênea, inapreensível e fantástica inaugura a potência desconstrutiva de uma significação que vai ocorrer em outro lugar, no além, a partir do jogo e da incerteza da linguagem.

Segundo David Roas (2014, p. 51), “A literatura fantástica é aquela que oferece uma temática tendente a pôr em dúvida nossa percepção do real”, aponta para o profundo desajuste e para o questionamento da realidade:

A meu ver, o que caracteriza o fantástico contemporâneo é a irrupção do anormal em um mundo aparentemente normal, mas não para demonstrar a evidência do sobrenatural, e sim para postular a possível anormalidade da realidade. (ROAS, 2014, p.67).

A dor de Odonato é exposta a partir mesmo do próprio existir “ – este é o meu corpo, esta é a visão da minha dor” (ONDJAKI, 2013, p. 250), num processo de desmaterialização gradativa que, ao contrário, faz com que todos percebam ainda mais sua presença, como podemos perceber nos trechos recortados a seguir: “dois dias sem ver Odonato bastavam para se notar a diferença naquele algo que não se sabia como explicar” (p.137); “Odonato arregaçou as mangas e a jornalista teve que disfarçar o susto” (p. 263); “o agente Belo entrou no bar (...) – mas você... – não se preocupe, é assim mesmo – já consultou os médicos?” (p. 257); “o VendedorDeConchas passou a mão pelo rosto diversas vezes e o seu espanto era tão evidente que o Cego sentiu, pelo bater do coração, que ele via algo importante” (p. 174).

A vida de Odonato, suas experiências, suas reflexões, sua dor são elementos que apresentam a perplexidade, o estranhamento do estranho: o mundo para ele, aquele que é o povo luandense, sofrido, triste, dolorido é estranho e incoerente, e isso o distancia desse espaço. Ao mesmo tempo, a transparência do personagem aguça a percepção, faz a subjetividade contaminar toda a narrativa: este é o horizonte da história, sua alteridade para além do ponto final.

Destarte, Odonato é o corpo espectral⁴ que se move nesse cenário, participa do dia a dia da cidade pós-colonial, está no entre lugar de presença e ausência que significa sua existência como resistência. Odonato destaca-se pela desfamiliaridade, pelo incomum de sua aparência. Segundo Freud (1996) em seu artigo “O estranho”, o *unheimliche* surge quando nos distanciamos da normalidade do real, “tem-se um efeito sinistro quando se apagam os limites entre fantasia e realidade, quando aparece como real diante de nós algo que antes tínhamos como fantástico” (p.244). O efeito sinistro descrito por Freud é a presença dessa subjetividade em meio aos demais “normais”: ela desconstrói a ideia de normalidade, propõe o absurdo da condição do ex-funcionário público que se torna o símbolo do povo angolano, da brutalidade da realidade sócio-econômica: a “África de hoje, que é pelo menos quatro ou cinco ‘continentes’ diferentes embrulhados num só, suas formas de subsistência

⁴ Remetemos aqui ao tema derridiano do espectro, encontrado no livro *Espectros de Marx* (DERRIDA, 1994), como aquele que vai do fantasma à aparição, é um nem morto, nem vivo, mas como um elemento que envolve os dois temos, não há separação entre aparência e essência.

destruídas, seus povos estruturalmente ajustados a uma pobreza moderna devastadora.” (HALL, 2009, p. 34), o que inclui Angola.

3. Considerações Finais: O cenário Luanda

Tania Macedo (2004), em sua tese de doutorado, argumenta que a cidade de Luanda é a referência espacial para a criação dos tipos e da ambientação da maior parte das representações literárias angolanas. Isso porque, segundo a autora, em Luanda se encontram a maioria da população e as principais agências formadoras de opinião (sedes de jornais, rádio, televisão, universidades), além disso, é onde é lançado, escrito e editado grande parte da literatura produzida no país. Outro fator mencionado pela autora seria o papel de Luanda nas lutas de libertação. Laura Padilha (2006) também defende essa representação da cidade no cerne da literatura angolana e exemplifica com Luandino Vieira em *Luanda*, afirmando que este reconfigura a capital, e em sua forma de re-apresentação: “a territorialidade física da cidade de Luanda se transmuta em uma territorialidade humana” (p. 80).

Ainda com Macedo (2004), podemos dizer que no romance **Os Transparentes** (2013), Luanda não é somente o espaço narrativo, pois traz as marcas do espaço urbano e da história do país por meio do olhar do personagem Odonato, como notamos no trecho a seguir, quando o ex-funcionário público reflete sobre a modernidade capitalista e as relações interpessoais:

o que é afinal um lugar cheio de gente humana que se preocupa tão pouco com o outro? , o que é um lugar cheio de carros com gente solitária buscando atropelar o tempo e maltratar os outros e para chegar a casa e cumprimentar a própria solidão? , o que é um lugar cheio de bulício e de festividades e de enterros com tanta comida, se já ninguém pode tocar à porta de outrem para pedir um copo de água ou inventar uma pausa sob a sombra fresca de uma figueira? Esta cidade é um deserto, pensou (ONDJAKI, 2013, p. 170)

Assim, podemos dizer que a narrativa dos acontecimentos no prédio do Maianga ocorre como modo de deslocamento, de recontar o cotidiano da capital angolana, expondo as vivências dos moradores do edifício como microcosmo da nação. A diferença nesse espaço se dá como potência que rearticula identidades, línguas, histórias, culturas, etnias e desejos que atravessam presente, passado e futuro, desconstruindo a noção de alguma linearidade da comunidade da ex-colônia.

Os Transparentes (2013) não possui final feliz, mas direciona o olhar crítico para o drama dos moradores de Luanda, vítimas do desenraizamento de comunidades e parentes, de estruturas de subordinações sociais estabelecidas, do capitalismo imposto, da globalização econômica.

Quando a cidade é queimada pelo fogo causado por um curto circuito, Odonato sai voando pelo céu, não há morte, aniquilação, desistência, mas um existir em outro lugar, como promessa, *post scriptum*, devir de democracia e humanidade.

Referências

- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**: o estado da dívida, o trabalho e a nova internacional. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Mirian Chnaiderman e Renato Jaime Ribriro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio de prazer. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 18, 1996.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 17, 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MACÊDO, Tania. **Uma cidade e sua escrita**: a representação literária de Luanda. 2004. 214f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra**: história e civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Trad. Manuel Resende. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial**: reconversões. Manaus, AM: Editora UEA, 2013.

ONDJAK. **Os transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

PADILHA, Laura. Colonialismo e Literatura em Angola – do enfrentamento às novas cartografias. In: DELGADO, Ignacio G.; ALBERGARIA, Enilce; RIBEIRO, Gilvan; BRUNO, Renato (orgs.). **Vozes (além) da África**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.